

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 280Data 11 de fevereiro de 1979 Pg.: \_\_\_\_\_**O índio, um futuro marginalizado** ESP 11.02.79

Em apenas uma frase, o sertanista Orlando Villas-Boas colocou com extrema precisão e felicidade o problema do índio brasileiro e de sua emancipação: "Não vamos destruir todo um povo para que o índio vire motorista do Ministério da Agricultura". E, mais adiante, pergunta e responde: "Qual é o lugar que lhe caberia entre os participantes da sociedade brasileira? Na Amazônia, abaixo do seringueiro. No litoral, abaixo do caçara. Na cidade, nas favelas. Por que falar em emancipação? Não há razão para isso".

Eis, em algumas frases, toda a problemática do indígena brasileiro, hoje mais do que nunca réu e vítima de um processo desordenado de ocupação da Amazônia, e curtindo o descalço e despreparo dos homens que deveriam ser os responsáveis por seu destino. Acusado de impedir o progresso, como disse uma determinada autoridade: "Índio não é peça de museu, precisa integrar-se à sociedade nacional". E vítima porque, como bem lembrou agora Orlando Villas-Boas,

feito o trabalho de aproximação, até fácil em confronto com o que ocorreu em outras épocas e em outros países, surge o que deveria ser um acultramento, que se acaba transformando em marginalização. Por quê? Simplesmente devido à inexistência de uma política indigenista no País, com órgãos de uma mesma administração, adotando posições conflitantes quanto à tese básica do acultramento forçado, através de um prematuro processo de emancipação, e a preservação do índio como um povo, em reservas não delimitadas, que existem apenas em decreto. O índio precisa de um órgão tutelador, que o proteja como entidade étnica do avanço desordenado das frentes de penetração, da cobiça por suas terras até agora só a muito custo preservadas. Esse órgão tutelador poderia ter sido a Funai, mas não foi e nem o é, simplesmente porque, fraca, sem poder, desprestigiada e sufocada pelas pressões políticas, desencadeadas por aqueles que querem, acima de tudo, a terra, por qualquer meio, mesmo que seja o genocídio

etnológico. Afinal, o que são alguns milhares de selvagens diante do surgimento do Brasil-potência? Por essa razão, a Funai, dividida, enfraquecida, não pôde até agora cumprir sua missão verdadeira, de preservar os remanescentes de uma cultura primitiva, que vai aos poucos morrendo.

Hoje, como lembra o sertanista, a luta é pela terra. Daí, a precipitação com que se levantou a tese da emancipação do índio brasileiro, despreparado para decidir, cujo resultante final, a médio prazo, seria a perda efetiva de sua posse, embora sob falsa aparência de garanti-la. Mas não estamos, como antes, diante de simples selvagens. Os que restaram têm consciência daquilo que constitui seu patrimônio último e sua primeira arma, a terra. Essa conscientização é de tal ordem que ainda recentemente, em encontro com o ministro do Interior, em Brasília, chefes indígenas rejeitaram categoricamente a emancipação e um deles, Aniceto, não temeu formular o desafio: "Todos os índios agora estão lu-

tando contra um inimigo comum, que é o branco".

Esse é um dos problemas que o novo governo herda, agravado pela tensão emocional e a carga de violência latente que existe nas principais áreas indígenas do País, hoje sob a pressão dos posseiros e donos de terra. Pelo que garantiu ao sertanista Orlando Villas-Boas, o futuro presidente da República encarará de frente o problema, prometendo dar à Funai, ou a outro organismo que venha a substituí-la, o que sempre lhe faltou: a força do poder central, o prestígio superior.

Nesse sentido, o primeiro passo será realmente delimitar as reservas indígenas, resguardá-las contra os invasores, até porque há terra para todos na Amazônia imensa. Insistimos: a terra, primeiro a terra; depois, então, definir linhas de ação, de que a emancipação possa constar como item a discutir. Inverter a ordem, buscar a integração desordenada, na ânsia de povoar a Amazônia, será cometer um genocídio etnológico que a história e o mundo jamais nos perdoarão.